

# REFLEXÕES SOBRE GÊNERO NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*

*REFLECTIONS ON GENDER IN THE BOOK CHILD OF THE DARK: THE DIARY OF CAROLINA MARIA DE JESUS*

*REFLEXIONES SOBRE GÉNERO EN LA OBRA QUARTO DE DESPEJO*

Bianca Obregon do Nascimento<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo reflete sobre as questões de gênero que perpassam a escrita de Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de Despejo* (1960). Inicialmente, abordaram-se as ondas do feminismo, enfatizando a importância do movimento para o desenvolvimento da crítica literária feminista; além disso, examina-se o gênero como categoria de análise literária. Posteriormente, desenvolvemos um percurso teórico sobre a literatura marginal, a *escrivivência* e o texto autobiográfico, utilizando estes conceitos para desenvolver uma análise mais aprofundada sobre a obra. Através deste estudo, pudemos analisar as questões de gênero em *Quarto de Despejo*, o que nos possibilitou ressaltar a importância da escrita de Carolina para a literatura, enquanto uma figura de resistência.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus; feminismo; crítica literária feminista.

## Abstract

This article reflects on the gender issues that permeate Carolina Maria de Jesus' writing in her work *Child of The Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus* (1960). Initially, the waves of feminism were addressed, emphasizing the importance of the movement for the development of feminist literary criticism; in addition, gender is examined as a category of literary analysis. Subsequently, we developed a theoretical path on marginal literature, *escrivivência*<sup>2</sup>, and autobiographical text, using these concepts to develop a more in-depth analysis of the work. Through this study, we were able to analyze the gender issues in *Child of The Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*, which allowed us to highlight the importance of Carolina's writing for the literature, as a figure of resistance.

**Keywords:** Carolina Maria de Jesus; feminism; feminist literary criticism.

## Resumen

Este artículo reflexiona sobre las cuestiones de género que impregnan la escritura de Carolina María de Jesús en su obra *Quarto de Despejo* (1960). Inicialmente, se consideran las olas del feminismo, destacando la importancia del movimiento para el desarrollo de la crítica literaria feminista; además, se examina el género como categoría de análisis literario. Posteriormente, se hace un recorrido teórico sobre la literatura marginal, la *escrivivência*<sup>3</sup> y el texto autobiográfico, utilizando esos conceptos para desarrollar un análisis más profundo sobre la obra. Por medio de este estudio, pudimos considerar las cuestiones de género en *Quarto de Despejo*, lo que nos permitió destacar la importancia de la escrita de Carolina para la literatura, en tanto personaje de resistencia.

**Palabras-clave:** Carolina María de Jesús; feminismo; crítica literaria feminista.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras no Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: biancaobregon0@gmail.com.

<sup>2</sup> Neologism devised from the Portuguese words 'escrever' (to write) and 'vivência' (personal experience acquired during one's life).

<sup>3</sup> Neologismo creado a partir las palabras del portugués 'escrever' (escribir) y 'vivência' (experiencia personal adquirida durante la vida).

## 1 Introdução

Nascida em Minas Gerais, em 1914, Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira. É conhecida por sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, publicada em 1960. Neste livro, a autora registrou seu cotidiano na favela do Canindé, em São Paulo, local em que residia com seus três filhos. O jornalista Audálio Dantas foi responsável pela publicação dos escritos de Carolina. Audálio conheceu Carolina na favela do Canindé, e percebeu a riqueza de seus relatos como personagem e autora que escreve a partir de sua própria experiência de vida como favelada. A obra da autora foi traduzida para 13 idiomas e tem sido objeto frequente de pesquisa científica (SILVA, 2019). As razões que tornam a escrita de Carolina tão investigada são os aspectos que perpassam a sua obra como, por exemplo, as questões de gênero, raça e classe social, já que a autora era uma mulher negra, favelada, catadora de papel, que possuía pouca escolaridade e cuidava sozinha de seus filhos, vivendo em situação de vulnerabilidade social (ANDRADE, 2013; LOPES, 2010).

Neste trabalho, analisaremos a obra de Carolina partindo do viés da crítica literária feminista, entendendo a importância da escrita da mulher negra e marginalizada para a literatura. Nosso objetivo é observar as questões de gênero que perpassam a escrita Caroliniana em *Quarto de Despejo*. Além disso, entendemos que ao pesquisar acerca da escrita de Carolina, também estamos ressignificando a História da Literatura, dando ênfase para a escrita de mulheres e pessoas marginalizadas, indivíduos que tiveram suas obras pouco contempladas e evidenciadas ao longo da história (COSTA; PEREIRA, 2012).

Para o desenvolvimento deste trabalho, optamos por utilizar a metodologia de pesquisa bibliográfica (GIL, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1996), de modo a observar o que já foi produzido cientificamente acerca da obra de Carolina e as temáticas que gostaríamos de desenvolver. Para tal, utilizamos o site Banco de Teses e Dissertações, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Google Scholar, com o intuito de obter material para aprofundar nossa pesquisa.

Ao longo desse mapeamento, percebemos que seria interessante para o desenvolvimento da nossa pesquisa aprofundarmos sobre os conceitos de feminismo e gênero (SCOTT, 1993; BUTLER, 2003; BEAUVOIR, 1970), crítica literária feminista (BELLIN, 2011; HOLLANDA, 1994; ZINANI, 2011), literatura marginal (SILVA, 2019), escrituragem e literatura feminina negra (BARBOSA, 2018; ALMEIDA; BEZERRA, 2019) e escrita autobiográfica (ANDRADE, 2011). Através da leitura dos textos, visamos estabelecer relações entre as teorias estudadas e a obra de Carolina, com o objetivo de identificar aspectos de gênero demarcados

em sua escrita. Além disso, buscamos ressaltar a importância de Carolina na literatura brasileira, como uma escritora que — através de sua obra — dá voz às pautas de grupos historicamente silenciados, caracterizando como escrita de resistência.

## 2 Quarto de despejo: aspectos de gênero

Inicialmente, abordar-se-á o conceito de gênero e feminismo, desenvolvido historicamente por escritoras feministas, pois nosso objetivo é observar a escrita de Carolina através desta perspectiva. De acordo com Scott (1995, p. 2), o termo “gênero” começou a ser utilizado pelas feministas no fim do século XX, como maneira de identificar a “organização social através da relação entre os sexos”. Tais pesquisadoras perceberam que seria necessário desenvolver uma linguagem que representasse as mulheres, a fim de que se possibilitasse uma maior visibilidade no âmbito político (BUTLER, 2003, p. 18).

Os estudos feministas, através da classificação de gênero, buscavam identificar a atuação das mulheres na história através da diferenciação entre os sexos, pois, percebia-se que, para os pesquisadores, os homens eram ligados à vida pública, como política e economia, e as mulheres eram restringidas à vida privada e familiar. Contudo, a classificação da palavra gênero permitia compreender que, para além da biologia dos sexos, o nascer mulher, ou homem, implicava diversas definições normativas de um social e de como se deve ser ou agir.

Um dos aspectos observados na escrita de Carolina é o trabalho executado pela autora/personagem, já que ela é a responsável por cuidar de seus três filhos sozinha, buscando o sustento para a família catando papel. Observamos aqui a demarcação de gênero, raça e classe social perpassando a escrita e a vivência de Carolina, pois a responsabilidade do sustento da casa e educação dos filhos recai sobre ela, forçando-a a executar o trabalho doméstico e trabalhar fora.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. [...] Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis (JESUS, 2014, p. 16-17).

Neste trecho, observa-se que Carolina é chefe de família e luta sozinha para sustentar seus três filhos. Além disso, Carolina rompe com estereótipos quanto à possibilidade de uma mulher negra, favelada e com pouco estudo ser a autora de um livro. Conforme Silva (2019), Carolina é uma importante personagem da literatura, já que desafiou o papel atribuído à mulher negra e pobre no Brasil, buscando ser escritora.

Carolina Maria de Jesus trouxe para a reflexão as dificuldades para a escrita feminina, através da dominação exercida pelos papéis de gênero que condiciona a mulher ao espaço doméstico e ao cuidado da casa e dos filhos, sem tempo para escrever, “cansada e confusa”, por não saber como romper com as correntes simbólicas que a prendem e violentam naquilo que tem de mais precioso, o seu trabalho de escrita (SILVA, 2019, p. 49).

Uma das demarcações de gênero observada na escrita de Carolina está presente no seguinte trecho: “Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria.” (JESUS, 2014, p. 53-54). Aqui, é possível percebermos como a mulher teve seu papel apagado na História — apagamento que é ainda maior em relação à mulher negra. Assim, devido à falta de representatividade, a Carolina criança acreditava que seria necessário ser homem para ter uma participação importante na História do Brasil.

Beauvoir (1970) destaca que se os homens eram responsáveis por compor os códigos sociais, sendo protagonistas na criação dos símbolos que compõem a sociedade — como religião, filosofia e demais crenças; em consequência, a mulher acabava tendo um papel secundário, o que conduzia à subordinação. Nesse sentido, é necessário ressaltarmos a importância da escrita da mulher, e no caso estudado, da mulher negra e marginalizada, para possibilitar a representatividade destas pessoas na história e na literatura.

Segundo Bellin (2011), a crítica literária feminista destaca a presença e a importância da escrita feminina para a História da Literatura. Conforme Zinani (2011), a crítica feminista surgiu em meados da segunda metade do século XX. Relacionada em sua origem aos estudos culturais, a crítica feminista buscava pluralidade e a desconstrução, entendendo que não há uma literatura única (HOLLANDA, 1994). Bellin (2011), ao desenvolver um breve histórico da crítica feminista, divide-a em duas vertentes:

A primeira corresponde à fase inicial do feminismo e coloca ênfase no papel da mulher como leitora. A segunda corresponde a um momento posterior, no qual parte da crítica feminista, procurando limitar seu campo de estudos, passa a se concentrar no papel da mulher como escritora (BELLIN, 2011, p. 2).

Showalter (1978), uma importante intelectual da crítica feminista, observou ao longo de suas pesquisas que havia poucos estudos sobre a atuação das mulheres enquanto escritoras. Destarte, a autora se preocupou em categorizar a tradição literária de autoria de mulheres em sua pesquisa, sobre as escritoras inglesas que publicaram entre 1844 e 1960. As três categorias propostas pela autora são:

a) a fase feminina (1844-1880), na qual as escritoras imitam os modelos literários vigentes – colocados em circulação pelos escritores homens –, reproduzindo os papéis sociais de gênero; b) a fase feminista (1880-1920), que assinala um período de protesto no qual as mulheres rejeitam as normas vigentes e defendem reformas sociais e direitos iguais em seus projetos literários (tais como o sufrágio universal, o direito ao divórcio e a paridade salarial); e c) a fase da mulher (1920-1965), período no qual surge uma literatura fortemente intimista, caracterizada como “viagem para dentro”, quando as escritoras passam a escrever sobre seus processos de autodescoberta (SHOWALTER, 1978 apud ALÓS; ANDRETA, 2017, p. 22).

Esta categorização proposta por Showalter é interessante, pois a escrita de *Quarto de Despejo* se encaixa justamente na “fase da mulher (1920-1965)”, demarcada por um viés intimista — aspecto que abordaremos de forma mais aprofundada posteriormente.

## 2.1 Quarto de Despejo: escritos de uma mulher negra

Segundo o último Censo Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, o Brasil é composto por 54% de pessoas autodeclaradas pretas ou pardas e 52% mulheres. As mulheres negras representam 25% da população brasileira; mesmo assim, as representações das mulheres negras na literatura brasileira são escassas (BENTO, 2019). Neste sentido, é necessário analisarmos as características e a importância da representatividade da escrita feminina negra para a literatura no Brasil.

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido (EVARISTO, 2005, p. 6).

Quando se trata da literatura desenvolvida por mulheres negras, podemos utilizar do termo “escrivência” proposto por Conceição Evaristo. A expressão dá através da percepção da autorrepresentação das mulheres negras em suas escritas, buscando tratar sobre suas subjetividades e vivências.

[...] a literatura de escritoras negras tenta desconstruir uma imagem, um conceito, uma marca criada pela sociedade dominante, predominantemente burguesa, machista e branca. Noutro a mulher era descrita e agora ela se autorrepresenta, mostrando suas vivências, seus sentimentos e força através da escrita (ALMEIDA; BEZERRA, 2019 p. 14).

Evaristo (2005) ainda reflete sobre a existência de uma literatura afro-brasileira, demarcada pela construção de personagens e histórias que buscam destoar das narrativas

estereotipadas propostas pela literatura canônica. Este contra-discurso tem como objetivo propor uma literatura pautada na vivência dos sujeitos negros, expondo suas realidades e subjetividades. As personagens negras que compõem tais narrativas são complexas, não são refém de suas dores e dificuldades, mas se constituem enquanto sujeitos de direito. Suas histórias são humanizadoras e emancipatórias, quando levamos em consideração que as mulheres negras foram invisibilizadas e silenciadas ao longo da História da Literatura.

As narrativas desenvolvidas pelas mulheres negras acabam contribuindo para a construção de uma história brasileira sob a perspectiva feminina negra, denunciando/revelando elementos apagados pela escrita masculina branca (ALMEIDA, 2020). Neste contexto, é fulcral pensarmos sobre as diferentes opressões que as mulheres negras sofrem, por exemplo, machismo, racismo e a desigualdade social, como no caso da própria Carolina. Para tratar sobre estas várias formas de violência, as pesquisadoras feministas negras propuseram o conceito de interseccionalidade, que busca compreender de que maneira a discriminação de raça e gênero operam de forma conjunta sobre a vida de mulheres negras.

A interseccionalidade, compreendida enquanto expressão e resultado de práticas políticas e desenvolvimento teórico de intelectuais ligadas ao feminismo negro norte-americano, pode ser compreendida enquanto projeto de conhecimento e ferramenta política para a superação das desigualdades que mulheres negras enfrentam (ALMEIDA, 2020, p. 45).

Visto que as opressões se apresentam de modo distinto para mulheres brancas e negras, torna-se relevante pensarmos sobre as características e a necessidade de uma escrita literária das mulheres negras, que considera a vivência, a resistência e as memórias de interseccionalidade dessas mulheres. Almeida (2020), ao refletir sobre a escrita feminina negra, afirma que esta literatura é uma forma de defesa que tais mulheres encontraram/encontram. Se considerarmos que o conhecimento é geo-historicamente marcado, cujos espaços (ciência, academia, intelectualidade) são permeados pelo imaginário racista e sexista, a escrita feminina negra se caracteriza como defesa e transgressão.

Nesse contexto justifica-se a importância da construção discursiva, literária, a partir de um lugar de fala demarcado pelas vivências destas autoras. Santos (2012) observa estes aspectos em relação a obra de Carolina.

Carolina de Jesus tinha consciência do seu estado social, político, cultural e racial, não negava sua ascendência e combatia através da escrita, todas as exclusões que a vida lhe impunha. A narrativa da sua trajetória de vida se encontra num possível lugar das silenciadas, das negadas e das subalternizadas, lugar instituído por um sistema que se apresenta hegemônico. Entretanto, esta mulher não se colocava no lugar subalterno,

mas se apresentava com identidade racial/étnica, e oriunda da classe popular (SANTOS, 2012, p. 496).

Houve, ainda, o movimento silenciador e abafador desta literatura negra feminina, buscando marginalizar suas obras, dando pouco valor e destaque — devido à opressão gerada pelo sistema racista e ao caráter de denúncia presente nessas narrativas. Contudo, sobre os aspectos e a definição de literatura marginal abordaremos posteriormente. Santos (2012) caracteriza a literatura feminina negra como escrita firme e combativa, possibilitando-a ser um instrumento de resistência e de reconstrução da memória coletiva da população negra, buscando o reconhecimento das mulheres negras enquanto intelectuais. Evaristo (2009) reflete sobre a escrita de Carolina, buscando dar visibilidade ao rompimento que sua obra causa perante a hegemonia masculina e branca no campo da literatura.

O que se torna interessante para discutir sobre a escrita de Carolina Maria é o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada. O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. Uma favelada, que não maneja a língua portuguesa — como querem os gramáticos ou os aguerridos defensores de uma linguagem erudita — e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas, o lixo em que vivia, assume uma atitude que já é um atrevimento contra a instituição literária. Carolina Maria de Jesus e sua escrita surgem “maculando” — sob o olhar de muitos — uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca (EVARISTO, 2009, p. 28).

Souza (2014) caracteriza a literatura feminina negra como inovadoramente crítica e transgressora. Isto posto, é possível perceber que a escrita das mulheres negras fomentam inúmeras contribuições para os estudos literários e feministas, no sentido de garantir e viabilizar a emancipação dessas mulheres. A autora pondera também que a escrita se torna um espaço de ressignificação da mulher negra, que atua a partir da palavra, de forma crítica, ativa e reflexiva sobre suas vivências enquanto sujeito em um sistema hegemônico e excludente.

### 2.3 Quarto de Despejo: uma escrita do eu

A escrita de Carolina em sua obra *Quarto de despejo* é caracterizada como escrita autobiográfica (ANDRADE, 2011), que se identifica pela autoreferenciação — em que o autor, narrador e personagem se tornam um. A obra possui dimensão pessoal e social, marcada por uma escrita em primeira pessoa; além disso, possui um forte tom de denúncia, ao abordar o cotidiano da autora. O tom autobiográfico e intimista é perceptível em todo o livro, como observado no trecho abaixo:

Hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. [...] Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado (JESUS, 2016, p. 41).

Através da sua escrita, nota-se como a autora enxerga seu entorno e seus sentimentos em relação à sua situação, enquanto pessoa marginalizada. A obra destaca suas vivências como mulher favelada, de forma intimista — como se a estivesse contando sua história de vida a um possível leitor. Ao longo do texto, Carolina também destaca que possui o desejo de tornar público seus escritos.

De um lado, [sua obra] tenta se configurar como um diário íntimo, à medida que está inserido em um período em que o gênero diário se volta para o “eu privado”; do outro lado, dá pistas de ser um diário voltado para o público – talvez em virtude do seu desejo principal de tornar-se livro para ser vendido (COSTA; PEREIRA, 2012, p. 124).

Em sua escrita, Carolina aborda diversos aspectos que perpassaram seu cotidiano, o que permite que seu texto atue como um instrumento de denúncia sobre as adversidades que presenciou, abordando, por exemplo, questões políticas e sociais em diversos momentos da obra.

A fome é um elemento retratado em todo o livro, o que sugere um tom de denúncia das mazelas sofridas pelos moradores da favela do Canindé. É tão presente na vida das personagens que em um trecho, quando um bebê de dois meses falece, a escritora não demonstra tristeza; apenas observa que, caso a criança sobrevivesse, seria mais um indivíduo passando fome. “Morreu um menino aqui na favela. Tinha dois meses. Se vivesse ia passar fome.” (JESUS, 2016, p. 124). Em outro trecho, Carolina relata o suicídio de um de seus vizinhos; além disso, reflete sobre a possibilidade de suicidar-se com seus filhos, e aborda a fome como algo em comum à classe social baixa. “[...] se os pobres do Brasil resolver suicidar-se porque estão passando fome, não ficaria nenhum vivo.” (JESUS, 2016, p.162)

Além de denunciar a fome no cotidiano da favela, a autora também aborda aspectos relacionados à política de Estado em sua narrativa: “[...] mas eu já observei nossos políticos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatorio, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando.” (JESUS, 2016, p. 53). Além das críticas referentes às ações da vida política no país, Carolina tece apontamentos sobre personalidades políticas do período de sua escrita e suas tomadas de decisões.

Posteriormente, sua obra foi considerada como precursora da literatura marginal (SILVA, 2019), que tem como característica a denúncia das repressões e invisibilidades sofridas pela população marginalizada. Uma das particularidades da literatura marginal são os desvios da norma padrão da língua; em consequência, estas obras eram consideradas como literatura de grande valor. Entretanto, observamos que o valor literário e documental presente na obra de Carolina se sobrepõem à forma da palavra escrita, possibilitando quebrar com o silêncio imposto às mulheres negras e marginalizadas ao longo da história.

Os constantes questionamentos político-sociais presentes no diário de Carolina, assim como as denúncias da discriminação social que sofria marcam a marginalização dentro da marginalização: Carolina era discriminada por ser pobre, negra, mulher, catadora de papel, mãe solteira e escritora (LOPES, 2010, p. 172).

A literatura marginal tem como objetivo denunciar a desigualdade social, expondo, através de produções culturais, as violências sofridas pelos grupos marginalizados. Silva (2019, p. 27) pontua que “o que define essa escrita é a forma direta de falar, tanto da miséria e pobreza vividas pelos marginalizados, quanto da violência infligida e sofrida por eles de maneira explícita na escrita do texto”. A autora reflete, também, sobre os aspectos impeditivos à escrita de mulheres negras, como a exploração, a desigualdade, a violência e a condição de dependência econômica — o que remete à obra de Virginia Woolf *Um Teto Todo Seu* (1928), que analisava a condição da mulher e seu impacto na produção literária feminina.

Ao longo da narrativa de *Quarto de Despejo*, percebemos o quanto a escrita é importante para Carolina, pois, em diversas passagens, nota-se a preferência pela escrita, em vez do casamento. É possível observar, também, a esperança que tinha sobre a autonomia financeira que a publicação de seu livro poderia lhe oferecer. Infelizmente, Carolina sofreu ainda mais com as questões relacionadas a gênero após a publicação de sua primeira obra — já que diversos jornais utilizaram um tom provocativo e irônico, buscando ridicularizar a autora. Além disso, a obra de Carolina só parecia ter valor quando associada à denúncia e à figura inusitada que a autora representava.

[...] a partir dos primeiros contatos sociais e da inadequação de Carolina ao papel determinado à sua personagem, no qual deveria ser subserviente e grata, a atenção da mídia se desloca da questão social, da miséria, ou seja, da importância de seu texto mesmo enquanto relato ou depoimento, e se volta para as “últimas de Carolina”, que vão desde a sua “intoxicação por branquices”, seu “esnobismo”, aos filhos sem as “bênçãos do matrimônio”, ao “Carolina achou o marido ideal” (SILVA, 2019, p. 29-30).

Nesse sentido, podemos perceber que a escrita Caroliniana possui um viés de resistência, já que rompe com papéis normativos sobre os espaços que uma mulher negra e favelada deve ocupar. Bosi (1996) desenvolveu um trabalho relacionando os conceitos de resistência e narrativa; os caminhos indicados pelo autor, para a análise destes dois elementos, seriam: a resistência como tema da narrativa, ou a resistência como processo inerente à escrita.

Apesar de destacar que as narrativas de resistência podem ser analisadas sob duas perspectivas, Bosi (1996) pontua que não há necessidade de descartar um viés para discorrer sobre outro. Em seu estudo, o autor aborda o processo histórico no qual passou-se a utilizar o termo resistência sob a mesma perspectiva que encaramos atualmente, trazendo exemplos de como obras de literatura podem se caracterizar como narrativas de resistência.

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições (BOSI, 1996, p. 26-27).

Sendo assim, podemos afirmar que a obra de Carolina se caracteriza como uma forma de resistência, pois ela utiliza da escrita para abordar pautas importantes que foram silenciadas ao longo da História. Além disso, a autora ainda reflete sobre seu papel enquanto pessoa marginalizada e busca através de seus escritos, ultrapassar as barreiras que historicamente estiveram entre as mulheres negras e a escrita.

Nossa personagem utiliza a palavra como instrumento de voz e de denúncia acerca das mazelas que viveu e, ao agir e romper com o determinismo social imposto pela natureza ao que se refere à convivência em sociedade permitido pela palavra e tudo o que se relaciona a ela, descobre-se como capaz de escrever a própria história, detendo o poder de ressignificar sua existência e tornar-se sujeito político e socialmente – além do pensamento de ascensão social por meio da divulgação das suas obras (MITSUUCHI, 2018, p. 2-3).

Através disso, é possível percebermos a importância do lugar de fala enquanto mulher negra e favelada, na construção literária de Carolina. Também é importante ressaltarmos que o livro *Quarto de Despejo* não foi a única obra de Carolina publicada. A editora Companhia das Letras, realizou um evento denominado “Festival #VIVACAROLINA”, em agosto de 2021, no qual a filha de Carolina, Vera Eunice, esteve participando. Em entrevista<sup>4</sup>, Vera debateu sobre pontos principais da escrita de Carolina e ressaltou que é necessário pensarmos sua obra como

---

<sup>4</sup> COMPANHIA DAS LETRAS, FESTIVAL #VIVACAROLINA | OUTRAS LETRAS: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus. Youtube, 11 agosto de 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=gVgYW6n7Lro\\_](https://www.youtube.com/watch?v=gVgYW6n7Lro_). Acesso em: 19 abr. 2022.

parte importante da literatura nacional, em um nível similar ao de outros nomes femininos da literatura brasileira.

### 3 Considerações Finais

Através desta pesquisa, pudemos nos aproximar dos conceitos de gênero, crítica literária feminista, escrita autobiográfica, *escrevivência* e literatura marginal. Nosso objetivo era relacionar tais conceitos à escrita de Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo*, desenvolvendo um percurso teórico e analítico que abarcasse tais reflexões.

O tom de denúncia e a representatividade da mulher negra e periférica foram alguns dos pontos que destacamos em sua obra, após a análise proposta. Pontuamos que é possível identificarmos que a crítica literária feminista se faz necessária para a que haja a inserção de vozes femininas na História da Literatura. Observamos, também, que a produção cultural, como a de Carolina, é necessária e possui um papel relevante para a literatura brasileira, pois sua obra tensiona, critica e rompe com as estruturas vigentes. Além disso, a escrita Caroliniana quando trabalhada pelo viés da crítica literária feminista, possibilita uma reflexão acerca das questões de gênero em relação as vivências da mulher negra e periférica, ressignificando seu papel na literatura. Todavia, nosso objetivo em nenhum momento é limitar o valor da obra de Carolina enquanto narrativa de denúncia, ou resumir sua relevância apenas como literatura marginal. Objetivamos, com esta discussão, refletir acerca dos aspectos teóricos e conceitos aqui abordados quanto à obra de Carolina, de modo a dar visibilidade a esta autora, tão necessária para a literatura brasileira.

### Referências

ALÓS, Anselmo Peres; ANDRETA, Bárbara Loureiro. Crítica Literária Feminista: revisitando as origens. **Fragmentum**, [S.l.], n. 49, p. 15-31, 2017.

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de; BEZERRA, Simone Maria. Escrevivência: Escrita, identidade e o eu feminino negro em Ponciá vicêncio de Conceição Evaristo. **Revista RIOS**, Paulo Afonso v.1, p.1-30, 2019.

ALMEIDA, MARISANGELA LINS DE. Em legítima defesa: a escrita feminina negra como enfrentamento e transgressão. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 38-49, 2020.

ANDRADE, Letícia Pereira de. Gênero e raça nos discursos de Carolina de Jesus e Clarice Lispector. **UniLetras**, v. 35, n. 2, 2013. Disponível em: <http://eventos.uepg.br/ojs2/index.php/uniletras/article/viewArticle/5465>. Acesso em: 01 ago. 2021.

ANDRADE, Leticia Pereira de. História e Ficção no Cerne de Quarto de Despejo. **Revista Rascunhos Culturais**, Coxim, v. 2, n. 4, p. 107-123, jul./dez. 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, dez. 2011.

BENTO, OLUWA SEYI SALLES. 'E foi então que eu me entendi mulher'. **Revista Crioula (Usp)**, [S.l.], n. 24, p.156-166, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2019.162574>. Acesso em: 7 jun. 2022.

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Ana Karoliny Teixeira da; PEREIRA, Rogério Silva. Vozes Marginalizadas: estudo da narrativa literária em Quarto de Despejo (1960). **ArReDia**, Dourados, v. 1, n. 1, p. 120-131, out. 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/1660>. Acesso em: 01 ago. 2021.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L. (org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>. Acesso em: 5 jul. 2022.

EVARISTO, Conceição *et al.* Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Feminismo em tempos pós-modernos. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma Favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LOPES, Elisângela. Aparecida. A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo. In DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. v. 1, p. 171-177.

MITSUUCHI, Jéssica Tomiko Araújo. Contextos, reflexões e análises: Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo. **Revista Vernáculo**, [S.l.], fev. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/50466>. Acesso em: 1 ago. 2021.

SANTOS, Neidjane Gonçalves dos. A escrita da mulher Negra: Catando e escrevendo palavras. *In*: SILIAFRO, 1., 2012, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiliafro/wp-content/uploads/2014/03/artigo\\_SILIAFRO\\_46.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiliafro/wp-content/uploads/2014/03/artigo_SILIAFRO_46.pdf) . Acesso em: 19 abr. 2022.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. 2. ed. Recife: SOS Corpo, 1995.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own**. Princeton: Princeton University Press, 1978.

SILVA, Eliane. Carolina Maria de Jesus e a literatura marginal: uma questão de gênero. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, v. 9, n.1, p. 21-52, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/37081/0>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. Escrita feminina negra: contribuições para os estudos literários, feministas e de gênero. **Línguas & letras**, [S.l.], v. 15, p. 1-12, 2014.

ZINANI, Cecil. J. A. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 9., 2012, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Edipucrs, 2011. p. 407-415.